

pelo ambiente, dominação pelo biopoder.

Frente a esse contexto social, e dadas suas implicações no que concerne à vida emocional dos sujeitos no nosso tempo, o que pode a Psicanálise? Com cautela e com as reservas próprias de quem conhece as sutilezas do psiquismo e as armadilhas a que está sujeito o trabalho terapêutico, vários artigos lançam sugestões que poderíamos chamar “técnicas”. Alguns exemplos: a disposição do analista para oferecer seu *self* como auxiliar na construção do “sonho do paciente” (Decio Gurfinkel), as particularidades do manejo da transferência com pacientes não neuróticos (Myriam Uchitel, Silvia Alonso...), enlutados (Isabel de Vilutis), depressivos (Lucia Fuks), transgressores (Mara Caffê), etc.

De modo geral, a ênfase é colocada na “construção de molduras para o eu” (ou seja, na esfera narcísica), de formas mais eficazes e ao mesmo tempo mais “individuais” de defesa contra a pressão pulsional (ou seja, na esfera de sintomas mais ego-sintônicos), e no incentivo às possibilidades de simbolização/sublimação, sempre respeitando as limitações que elas possam apresentar nos sujeitos particulares.

Talvez se possa resumir a impressão deixada pela leitura deste excelente livro dizendo que, para a maioria dos autores, a Psicanálise está numa posição de “resistência” (Lucia) contra o que consideram nefasto nas modalidades de subjetivação próprias à contemporaneidade. E isso não porque acalentem a nostalgia de eras situadas “em algum lugar do passado” – nossa disciplina sempre foi nietzscheanamente *unzeitgemäßig*, crítica do seu tempo – mas porque, assim como Freud, acreditam no valor da autonomia (= outorgar-se por si mesmo – *auto* – regras – *nómoi* – de conduta) possibilitada pela constituição de uma *experiência* própria.

Esse conceito (que os iluministas alemães conheciam como *Erfahrung*) se relaciona com o de vivência (*Erlebnis*), mas não se confunde com ele. Denota antes a sedimentação e a integração tanto quanto possível harmoniosa das vivências, num processo de construção de si (*Bildung*) que incorpora a herança da civilização, e ao mesmo torna o sujeito apto a contribuir para o avanço dela. Um eco distante dessa concepção está presente no que Fédida denomina *depressividade*, algo bem próximo da noção kleiniana de posição depressiva, nos seus aspectos de integração e de condição para uma vida psíquica rica e criativa.

Nesse sentido, parece adequado que, nas páginas finais do livro, Mario Fuks faça o elogio da passagem de uma “subjetividade de massas” (alienada, diríamos usando o bom e velho conceito de Marx) para uma “subjetividade de indivíduos, livre, ativa, desejante e habilitada para o prazer”. Evocando o “mito do herói” de *Psicologia das massas*, e acrescentando-lhe sua própria pitada de sal, ele oferece uma visão sem ilusões, mas também sem lamentos, do que pode ser um “laço social baseado no compartilhamento afetivo e na cooperação”.

Politicamente progressista, eticamente emancipatória, e psicanaliticamente conforme as melhores possibilidades do humano, essa visão condiz com os propósitos do Departamento, e com as amostras do que nele se produz aqui comentadas. Elas fazem de *Psicanálise em Trabalho* uma obra indispensável a quem – parafraseando o título de um opúsculo de Kant – quiser “orientar-se no pensamento” psicanalítico, e no que ele tem a dizer sobre o mundo em que vivemos.

NOTAS

Memória

- 1.S. Rea, *Transformatividade – aproximações entre psicanálise e artes plásticas*: Renina Katz, Carlos Fajardo, Flávia Ribeiro, São Paulo, Annablume, 2005.
- 2.J. A. Frayze-Pereira, *Arte, dor – inquietudes entre estética e psicanálise* (2. ed.), Cotia, Ateliê Editorial, 2010.
- 3.L. Pareyson, *Os problemas da estética*, São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- 4.L. Lagnado, As tarefas do curador. *Marcelina: Revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina*, ano I, I, São Paulo, Fasm, 2008.
- 5.S. Freud, Nota sobre la pizarra mágica, Buenos Aires, Amorrortu, 1925/2007.

Envelhecimento

- 1.Termo cunhado por Mário Prata em uma crônica publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. 3, em 18 ago. 1993.
- 2.Newton Bignotto em entrevista para o jornal *O Estado de S. Paulo*, em 26 maio 2013.
- 3.S. de Beauvoir, *A velhice, as relações com o mundo*, São Paulo, Difusão Europeia do livro, 1970, p. 97.
- 4.F. Herrmann, *O divã a passeio*, São Paulo, Brasiliense, 1992.

Winnicott

1. Winnicott, 1975, p. 14.
2. Graña cita Marie-Christine Laznik, que aponta três tempos para estes movimentos compartilhados. No primeiro tempo, o bebê suga o seio para satisfazer uma necessidade biológica; no segundo tempo, ocorre a erotização do ato e o bebê suga os dedos ou outro objeto (autoerotismo); no terceiro tempo, evidencia-se o uso erótico do corpo, pelo bebê, para promover a promoção do gozo do Outro: aqui a mutualidade efetivamente se torna visível, com o bebê se deleitando com o prazer que é capaz de produzir, estendendo um dedo do pé ou da mão em direção à boca da mãe, que fingirá que o morde ou engole. O bebê se faz sugar ou morder, oferecendo-se como objeto de gozo da mãe, que o erotiza. A experiência de mutualidade inauguraria a comunicação entre mãe e bebê e a não ocorrência do terceiro tempo poderia ser indicadora de risco de desenvolvimento autístico do bebê.
3. Infelizmente falecido há pouco; fará falta neste campo, para o qual sempre contribuiu significativamente.

Derrida

1. Dada a amplitude desse tópico, sugiro a leitura do artigo “Lacan (punção) Derrida”, de Frida Saal, por mim traduzido e publicado no número 34 (1º semestre de 2005) desta revista.
2. M. C. Taylor, “What Derrida really meant”, disponível em <<http://www.press.uchicago.edu/books/derrida/taylor/derrida.html>> . Acesso em 4 dez. 2013.
3. Citado em T. Grenha, *Herança e escritura em cena: um estudo sobre Freud em Derrida*, Dissertação de mestrado – PUC Rio, set. 2004, p. 91, disponível em <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0210600_04_cap_04.pdf>.
4. R. Major, *Lacan com Derrida – Análise desistencial*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002, p. 14.

Inspirações

1. Equipe atual: Silvana Rabello, Adela Stoppel de Gueller, Julieta Jerusalinsky, Marta Gimenez Baptista e Ana Clélia Rocha. A clínica foi criada há 25 anos pelo Dr. Mauro Spinelli, médico foniatra, um dos precursores no trabalho interdisciplinar no Brasil.

Gestação

1. D. Kupermann, *Transferências cruzadas, transferências nômades. Sobre a transmissão da Psicanálise e as instituições psicanalíticas*, Rio de Janeiro, Revan, 1996.
2. Grupo de Apoio a Maternidade e Paternidade.
3. S. Laia, A prática psicanalítica nas instituições. In: *Os Usos da Psicanálise*. Primeiro Encontro Americano do Campo Freudiano. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.
4. Margarete Hilferding apresenta seu trabalho, *Sobre as bases do amor materno*, na reunião das quartas-feiras, em 1911. Sabine Spielrein expôs um trabalho no 6º Congresso Internacional de Psicanálise, em 1920, sobre desenvolvimento infantil, a linguagem e a importância da amamentação. Helen Deutsch editou, em 1925, *Psicanálise da função sexual da mulher*.